

Experiências de ensino a partir do uso de imagens: desafios para o PIBID de História DO CERES/UFRN

Jailma Maria de Lima¹

O PIBID de História do CERES/UFRN foi criado em 2010, funcionando nos dois primeiros anos na Escola Estadual Calpúrnia Caldas de Amorim (ECCAM). A partir de março de 2012, passou a ser desenvolvido no Centro Educacional José Augusto (CEJA) e, em agosto de 2012, passou também a ser executado na Escola Estadual Walfredo Gurgel. Todas as três são localizadas na cidade de Caicó-RN. Os desafios para o êxito do programa são inúmeros.

Ao assumir o PIBID em fevereiro de 2012 me deparei com o desafio de fazer a mudança do PIBID da ECCAM para o CEJA e encontramos algumas dificuldades, pois na ECCAM as atividades em turno diferente, do estudado pelos alunos, funcionava muito bem, o que ainda não ocorre no CEJA, nem no Monsenhor Walfredo Gurgel, pois no caso da primeira muitos alunos moram em áreas rurais e não se sentem atraídos pelas atividades do PIBID. No caso da Escola Monsenhor Walfredo Gurgel as atividades são desenvolvidas na sala de aula acompanhadas pelo supervisor. No CEJA, os bolsistas sob a orientação dos supervisores passaram a desenvolver algumas oficinas nos horários normais das aulas e, a partir daí, ampliou-se o interesse dos alunos pelas atividades do PIBID.

A comunicação objetiva avaliar o desenvolvimento do PIBID de História, identificando os problemas, os encaminhamentos e as expectativas dos bolsistas envolvidos (licenciados, supervisores e coordenador de área). Focamos em um desafio que vem sendo discutido e refletido pelo grupo, que é a utilização de fontes históricas para o ensino de história, criando jogos, estratégias didáticas, maquetes e exposições como forma de atratividade para que os alunos de níveis fundamental e médio reflitam sobre o conhecimento histórico, fazendo também com que os licenciandos desenvolvam a articulação entre teoria e prática, fundamental para a sua formação.

¹ Coordenadora do PIBID de História do CERES e professora do Centro de Ensino Superior do Seridó da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Entre a esperança e a quase descrença: desafios e perspectivas para os pibidianos

O PIBID de História envolve 30 bolsistas de iniciação à docência, 3 supervisores e um coordenador de área. OS 30 bolsistas são alunos do turno matutino, o que se constitui em um enorme problema a ser contornado até ser solucionado, com a entrada de alunos do turno noturno, o que deverá ocorrer em 2014. No caso do CEJA este é o horário com maior número de turmas e os bolsistas não podem acompanhar as atividades desenvolvidas pelos professores supervisores. Outro desafio que se relaciona com o primeiro é fazer com que as atividades desenvolvidas tenham uma frequência mais assídua. Atualmente, um grupo dos bolsistas que foi designado para acompanhar os terceiros anos vive uma grande decepção e angústia porque os alunos não aparecem nas atividades planejadas.

Assim, enquanto alguns descreem que seja possível tornar alguns alunos mais interessados nas atividades do PIBID, outros apostam em estratégias atrativas. Vou fazer um recorte de alguns posicionamentos em uma discussão que tivemos no grupo do PIBID no Facebook (em 29 e 30 de abril de 2013), inclusive de ex-alunos do CEJA, são importantes para a reflexão sobre os encaminhamentos do projeto.

Hudson Lucas que ingressou no PIBID em 2013, por exemplo, afirma:

estudei no ceja, em se tratando dos alunos, há pontos convergentes e divergentes, não era tão diferente, tinha os mesmos interesses que qualquer aluno tem dependendo da idade, o que podemos fazer é nos aproximar da realidade deles, da idade, dos sonhos, das ambições, e transformar isso em uma coisa boa, que traga bons resultados para eles.

Larisse Bernardo, também ingressa em 2013:

eu não estudei no CEJA, mas vejo que é uma escola ótima que os professores buscam a participação dos alunos para as atividades do PIBID, como também vejo em parte de alguns alunos não terem interesse em participar, não fomos diferentes deles, independente da idade deveriam procurar ter interesse, curiosidade pelas

novidades, estar envolvidos nos eventos da escola, mas com tudo devemos desenvolver o interesse, o incentivo e mostrar a importância deles estarem participando das atividades do PIBID.

Vanessa Freitas, ingressante do PIBID em 2011:

A realidade da escola pública ainda é bem diferente da escola particular, onde estudei minha vida inteira. Não em relação à estrutura física, o que o CEJA claramente não deixa a desejar, mas em relação ao público e, principalmente à postura dos professores, pois muitos não incentivam ou estimulam os alunos para que se interessem pelo estudo. Porém, se tratando do CEJA, vejo nos alunos o desinteresse extremo e nem as ações do PIBID, por mais dinâmicas e atrativas que sejam, conseguem mobilizá-los e a condição social, bem como a ação dos professores não são os únicos "culpados", tendo em vista a atitude e o interesse de alunos de outras escolas públicas da cidade. O que pode ser feito é, talvez, explorar mais os talentos e destaques individuais para que sirvam de exemplo para aqueles que não enxergam no conhecimento um futuro prospero; além disso, o espaço gigantesco da escola deve ser melhor aproveitado, com exposições e eventos, para que os alunos se identifiquem com o ambiente escolar e tenham prazer em estarem ali.

Mayara Vivian, ingressante em 2011:

O perfil dos alunos eu acho que não dá pra mudar, mas acho que com estratégias que realmente movam eles, grandes eventos que chamem atenção e envolvam eles de verdade, e que eles gostem, e com muito incentivo mesmo da escola, porque acho que ainda falta isso, o conhecimento e apoio do pessoal da escola em incentivo ao PIBID, argumentando bastante, e com relação aos professores, pelo menos no começo colocar mesmo em prática a questão das notas para quem assiste as oficinas, que já tem horário marcado toda semana, porque isso é fácil de fazer em conjunto com os bolsistas, que avaliam a participação dos alunos.

Carla Arione, ingressante no PIBID em 2011,

Minha última escola foi o CEJA, estudei todo o ensino médio lá, nos anos de 2006 a 2009. A maior diferença que encontro hoje no CEJA é a quantidade de alunos e o pouco interesse que eles têm em relação às atividades relacionadas à escola. Na minha época existia um maior interesse dos alunos nas atividades da escola, quando tinha palestra o auditório ficava cheio, existia também maior interação dos alunos com o ambiente escolar, durante o intervalo a praça e os corredores ficavam cheios de alunos brincando e conversando, todos os espaços do CEJA tinham gente, como no meu lugar preferido o "coração". Interesse em estudar eu não tinha, mas fazer movimento e entrar no movimento era comigo mesmo, como eu já disse em outras ocasiões, participei de uma gincana oferecida pelo SESC, fiz rifas, desfile, fazíamos de tudo para envolver toda a escola na gincana, até uma rádio fizemos durante alguns dias, onde colocávamos músicas durante o intervalo e também tinha uma espécie de correio elegante, que líamos recadinhos. Também existia maior interação com os funcionários da escola, várias vezes ficávamos na sala da direção durante o intervalo só para conversar.

Rosane Santos, ingressante em 2011, estudante do CEJA ente 2001 e 2007. Para ela, o CEJA

sempre foi um colégio onde a maioria dos alunos vão somente para concluir o ensino médio, e muita gente além de mim tem a mesma opinião. [...] No tempo que eu estudei no Ceja, no começo do ensino fundamental eu não tinha muito interesse por algumas disciplinas, mas sempre fui uma boa aluna[...] percebi que a maioria dos meus colegas de sala não tinham nenhum interesse pelo aprendizado, eu e mais alguns colegas éramos uma minoria que tinha interesse nas aulas ou aprender, e vejo que hoje isso ainda perdura. Acho que a mensagem e o trabalho que Pibid busca desenvolver no Ceja não vai surtir muito efeito em grandes proporções, visto que simplesmente a maioria dos alunos não apresentam o mínimo interesse, e isso não é algo que seja fácil de transformar, muitos deles realmente não ligam nem para a própria realidade.

Percebemos pelas falas de alguns bolsistas uma total descrença em relação aos alunos da escola que atuam. Enquanto outros, principalmente, os que lá estudaram ser possível sim mudar. Apesar do suposto desinteresse dos alunos do CEJA precisamos refletir sobre a nossa prática e criar atividades que sejam interessantes para esses alunos. Não podemos achar que só porque somos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte vamos atrair os alunos. Em outro texto, farei algumas considerações em relação às percepções dos Pibidianos, por ora elas são importantes para demonstrar o tamanho do desafio que o projeto tem que enfrentar.

Inspirando-nos em Rüsen, para quem a formação se refere a um conjunto de competências de interpretação do mundo e de si próprio, ligada aos saberes, à práxis e às subjetividades, estamos selecionando materiais diversos, elaborando atividades e discutindo sobre a nossa produção. Esperamos, com isso, uma melhoria tanto na formação do graduando/bolsista quanto nos resultados alcançados junto aos alunos das escolas públicas envolvidas. São várias as intervenções que os pibidianos já desenvolveram nas escolas e eles têm refletido sobre essas práticas e apresentado trabalhos em eventos, a exemplo desse Simpósio da Anpuh, quando 25 bolsistas estarão apresentando 11 trabalhos, fruto das suas experiências. Pesquisadores que se dedicam a refletir sobre a produção do conhecimento histórico e o ensino de história apontam para a necessidade de os cursos de graduação em História, mesmo as licenciaturas tornarem indissociável a pesquisa do ensino de história, considerando que algumas discussões de cunho teórico-metodológico precisam ser apropriadas pelos professores e trabalhadas pelos alunos dos níveis de ensino fundamental e médio.

Segundo Barca,

- 1) será útil que os professores experienciem a pesquisa histórica e, com base nela, aprofundem o debate em torno de conceitos inerentes ao saber histórico; 2) o contato com os resultados recentes de investigação sobre o pensamento histórico de alunos e professores torna-se igualmente imprescindível. Estes resultados poderão fornecer elementos para a elaboração de materiais criteriosos a aplicar num ensino de história com qualidade. (2001, p. 21)

As atividades de observação e intervenção desenvolvidas pelos Pibidianos na escola não têm como objetivo qualificar ou desqualificar o trabalho dos professores que lá atuam. Entre os objetivos do PIBID estão compreender a realidade escolar na qual estão inseridos e pensar novas metodologias e formas de trabalhar o conteúdo de História nas escolas.

Acredito que o que afirma Charlot em relação ao papel do pesquisador da escola, aplica-se ao PIBID também:

O papel da pesquisa não é dizer o que o professor deve fazer. O papel da pesquisa é forjar instrumentos, ferramentas para melhor entender o que está acontecendo na sala de aula: é criar inteligibilidade para entender o que está acontecendo ali.” (2002, p. 91 apud. SILVA e FONSECA, p. 2007, p. 29)

A utilização de imagens e de documentários têm sido comum nas intervenções dos Pibidianos, pois acreditamos que, como afirma Bittencourt,

Fazer os alunos refletirem sobre as imagens que lhe são postas diante dos olhos é uma das tarefas urgentes da escola e cabe ao professor criar as oportunidades, em todas as circunstâncias, sem esperar a socialização de suportes tecnológicos mais sofisticados para as diferentes escolas e condições de trabalho, considerando a manutenção das enormes diferenças sociais, culturais e econômicas pela política vigente. (1998, p. 89)

Na Feira de Ciências da escola do ano de 2012, a sala mais visitada foi a de história, com mais de mil visitante em um único dia, e o motivo foi o investimento que fizemos no uso de imagens e objetos que dessem uma espécie de “materialidade” às temporalidades históricas. Para COELHO,

a tendência à utilização da iconografia no ensino é recente, data de duas décadas atrás, muitos dos professores que atuam no ensino regular não aprenderam esta

possibilidade, caindo na armadilha dos livros didáticos e acabam reproduzindo sem intenção muitas ideologias presentes naquele material. Sem contar que para aqueles que tiveram má formação que os possibilitou trabalharem com imagens encontram muitas vezes a dificuldade nos materiais disponíveis ou mesmo nos problemas técnicos de não conhecimento das ferramentas presentes nos computadores ou na própria internet. (1998, p. 197)

Apostando na superação dos problemas, desde o início de 2013, começamos a montar no CEJA uma sala temática de História que, aos poucos, vem sendo equipada e arrumada para que nela sejam desenvolvidas desde atividades como oficinas e intervenções, até exibição de filmes e documentários. Objetivamos tornar a sala um cantinho da escola que sempre tenha atividades educativas e culturais disponíveis para os alunos. Estamos pensando aqui tanto no aluno do Ensino Médio e do Fundamental que possam frequentar o ambiente da sala, quanto no licenciando em formação, que moram em uma região com pouca disponibilidade de atividades culturais. Já temos um acervo significativo de documentários e filmes e trabalhando para ampliar o acervo. A sala tem várias imagens históricas, estamos aos poucos melhorando a qualidade delas para que visualmente a sala chame mais atenção de quem frequentar a sala.

Atuamos agora em dois desafios: a organização de uma gincana cultural entre as duas escolas e, inicialmente, envolvendo somente os oitavo e nonos anos; uma exposição de fotografias e de fragmentos de textos históricos. Além de questões relacionadas a conteúdos históricos, contaremos com a apresentação cultural de um grupo de dança de uma cidade próxima a Caicó, São José do Seridó, e com o grupo de dança do CEJA.

A gincana terá a sua primeira etapa realizada no início do mês de junho e se der certo, faremos outras etapas ao longo do ano, culminando com uma grande atividade no mês de novembro de 2013. Nesse momento, pretendemos ter cumprido o nosso segundo grande desafio em termos de atividades atrativas para os alunos das escolas. A montagem de um grande painel com imagens históricas e fragmentos de textos, recorrentes nos livros didáticos e em questões de vestibulares e do ENEM. Esperamos ocupar vários espaços da escola com esta atividade, abrindo para a visitação da comunidade.

...

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

As atividades desenvolvidas tem possibilitado que os alunos da graduação em História entrem em contato com a realidade docente e o com cotidiano escolar, inserindo-se nele como sujeito ativo propondo ações voltadas para a melhoria da qualidade de ensino das escolas envolvidas, o que se reflete na sua própria formação. A elaboração de oficinas com conteúdos históricos permite que o aluno aplique os conhecimentos que adquire na universidade no ensino fundamental e médio. Tais ações têm impactado direto na escola e na universidade, Como exemplo podemos indicar que no vestibular da UFRN para o curso de história, em Caicó, do ano de 2012 foram aprovados 3 alunos que participavam das atividades do PIBID na ECCAM. No caso dos bolsistas que se formaram no início de 2012, dois foram aprovados no concurso público para professor da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte, para a área de História. O que demonstra que o projeto causa impacto no ensino básico quanto na graduação.

O PIBID de História também conseguiu adquirir visibilidade tanto em uma das escolas que participa quanto na cidade, por sua participação na Feira de Ciências da escola, fazendo uma grandiosa exposição intitulada Túnel do Tempo. O exercício foi importante para a reflexão dos pibidianos no sentido da necessidade de terem de exercitar também a criatividade no exercício da docência.

Algo muito produtivo na minha avaliação é que os alunos passaram a produzir resumos para participarem de eventos, principalmente, os ingressantes. O que significa que entramos em outra fase do projeto em que a iniciação científica vai caminhar lado a lado com a produção escolar.

Referências

BARCA, Isabel. Educação História: uma nova área de investigação. *História*. Porto: Revista da faculdade de Letras, Série 2, p. 13- 21.

BITTENCOURT, Circe (Org.). O Saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 1998.

BITTENCOURT, Circe. Livro didático e conhecimento histórico: uma História do saber escolar. São Paulo: Loyola, 1990. COELHO, Tiago da Silva. A imagem e o ensino de História em tempos visuais. In: Revista Percursos. Florianópolis. v. 13, nº 2, p. 188-199. Disponível em

<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/viewFile/2413/2204>.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima. História e Ensino de História. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MONTEIRO, Ana Maria. Professores de História: entre saberes e práticas. Rio de Janeiro, Mauad, 2007.

SILVA, Marcos e FONSECA, Ensinar História no século XXI: em busca do tempo perdido. São Paulo: Papyrus Ed., 2007)